

O desafio da formação extensionista para uma colaboração potencialmente transformadora

Ecivaldo de S. Matos¹, Débora Abdalla Santos², Juliana M. Oliveira dos Santos²

¹Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras de Ribeirão Preto
Universidade de São Paulo (USP)
Ribeirão Preto – SP – Brasil

²Instituto de Computação – Universidade Federal da Bahia (UFBA)
Salvador – BA – Brasil

ecivaldo@usp.br, {abdalla, juliana.maria}@ufba.br,

Abstract. *This paper discusses some challenges of extension training, based on the extension experience of a Research and Extension Group, from the perspective of extension as a liberating practice that promotes autonomy and empowerment for extension workers and those affected by the actions.*

Resumo. *Este artigo discute alguns desafios da formação extensionista, pautados na experiência extensionista de um Grupo de Pesquisa e Extensão, a partir da perspectiva da extensão como prática libertadora e promotora de autonomia e empoderamento, tanto das pessoas extensionistas quanto daquelas afetadas pelas ações.*

1. Introdução

O Grupo de Pesquisa e Extensão Onda Digital, formalmente registrado como Grupo de Pesquisa no Diretório de Grupos de Pesquisa do CNPq em 2014, mas com práticas extensionistas que completam 20 anos ininterruptos em julho de 2024, sempre em expansão das suas atividades.

Mas para que essa expansão mantivesse os valores, visão e missão do Grupo foi necessário “formar para a extensão universitária”. Isso tem sido realizado por meio de duas ações internas: (a) formação prévia à prática extensionista, em que as/os “noviças/os” são “mergulhadas/os” nas práticas extensionistas do Grupo; (b) o estabelecimento de um grupo de estudos, com participação obrigatória para todas as pessoas membras, intitulado “Férias em Freire” para estudar a obra “Extensão ou Comunicação” de Paulo Freire (2021) e discutir qual “perspectiva” de extensão universitária queremos construir para/com a sociedade.

Nesse sentido, este artigo visa trazer à comunidade de prática extensionista em Computação e de Sistemas Colaborativos, a discussão sobre o desafio (e a importância) de formar a comunidade acadêmica, especialmente pessoal docente e discente da graduação e da pós-graduação para a prática extensionista dialógica, interdisciplinar e colaborativa de fato.

2. A dialogia na prática extensionista

2.1. O Grupo de pesquisa e extensão e sua natureza dialógica

O Grupo de Pesquisa e Extensão Onda Digital tem a interdisciplinaridade, com envolvimento de pessoas de diferentes áreas do conhecimento e cursos da Universidade,

a liberdade e a colaboração em diálogo efetivo com a sociedade como *eixos articulados e articuladores*, com forte e interação com a pesquisa científica, por meio da pós-graduação.

Essa articulação permitiu o estudo sobre a extensão realizada, para além de oferecer serviços, no sentido de dialogar e construir junto com as comunidades afetadas. Foram, então, desenvolvidos mecanismos de colaboração e práticas de design colaborativo (codesign) próprios para as ações em desenvolvimento, de modo que as pessoas afetadas pudessem não só intervir alterando e propondo ações, mas, fundamentalmente, pudessem ser protagonistas e promotoras autônomas de ações de inclusão sociodigital com seus pares.

Dessa forma, as mudanças de rumo do Grupo serviram para um alinhamento ainda mais significativo, e crítico, com as diretrizes da extensão definidas na Política Nacional de Extensão Universitária (Forproex, 2012), a saber: (a) interação dialógica; (b) interdisciplinaridade e interprofissionalidade; (c) indissociabilidade ensino-pesquisa-extensão; (d) impacto na formação do estudante e (e) impacto e transformação social.

2.2. O ensino e a pesquisa como componentes da extensão

A produção de novos conhecimentos exige o reconhecimento dos múltiplos saberes envolvidos, especialmente quando tratamos de práticas extensionistas. A interação no campo da extensão universitária é potencialmente produtora de novos conhecimentos (Freire, 2021), mas isso exige o reconhecimento e o respeito aos múltiplos saberes envolvidos. Ainda que, de acordo com Nogueira (2000), a extensão seja atividade bidirecional que oportuniza a elaboração da práxis de conhecimentos acadêmicos, por meio da reflexão e reelaboração de conhecimentos, a definição de extensão ainda considera a indissociabilidade entre ensino, pesquisa e extensão, quando de fato, na perspectiva libertadora proclamada por Paulo Freire, não seria possível dicotomizar a extensão do ensino nem da pesquisa; algo necessário para considerar, via de regra, a indissociabilidade.

Isso significa, portanto, que para haver indissociabilidade entre três eixos, eles precisam existir ontologicamente independentes. Mas na nossa experiência, percebemos que a Extensão para existir enquanto prática colaborativa e libertadora tem em si o componente de ensino, bem como o componente de pesquisa. Nesse sentido, não há mais articulação entre ensino e extensão ou entre pesquisa e extensão. O que há de fato, é uma “extensão que ensina” e uma “extensão que pesquisa”.

2.3. Interação dialógica

Realizar o movimento extensionista preconizado em nosso Grupo requer atenção para que todos os envolvidos estejam cientes desse processo dialógico, e potencialmente dialético, em que todos os pontos de vista são importantes na construção de conhecimentos que sejam socialmente relevantes.

Mas assumir os diferentes pontos de vista não é, por si só, libertador. Colaboração é prática. Portanto, para que a prática extensionista seja libertadora, faz-se

necessário que a participação esteja para além da consideração dos pontos de vista, mas esteja na assunção da “voz” para e pelas pessoas afetadas.

Um mecanismo de promoção da interação dialógica potencialmente colaborativa é o desenvolvimento da empatia e da ludicidade, como mecanismo de aproximação para e entre as pessoas afetadas. Nesse sentido, Rosa e Matos (2020), Rosa, Meire e Matos (2023) e Matos *et al.* (2023) têm se debruçado sobre o estudo e a produção de práticas colaborativas de design de soluções (e ações) que favoreçam a construção colaborativa e apropriação dos conhecimentos construídos na extensão em Computação pelas pessoas afetadas, independente do seu letramento computacional; tornando a prática extensionista mais colaborativa, justa e democrática. Para isso, práticas de pesquisa-ação, *codesign* e *design* participativo têm sido adotadas.

3. O desafio de formar para uma extensão colaborativa e libertadora

Formar para a extensão que liberta a pessoa e a comunidade, ao mesmo tempo que em colaboração todos crescem, requer, antes de mais nada, disposição e crença na importância da liberdade e da equidade na prática extensionista; ou seja, na interlocução com a sociedade. Nessa concepção de extensão, as pessoas acadêmicas extensionistas não serão detentoras dos conhecimentos a colocar para fora dos limites físicos da Universidade, mas pessoas interessadas em compartilhar e, sobretudo, aprender e revisitar suas práticas e conhecimentos científicos e profissionais a partir do olhar externo à Universidade.

A participação democrática da comunidade no processo extensionista pode ser potencializada por meio de ações tanto no espaço da comunidade, como no espaço universitário, como forma de aproximar e apropriar a comunidade dos espaços e equipamentos disponíveis no lócus universitário, mostrando aquele lugar de construção de conhecimento sistematizado como também possível e tangível a todas as pessoas. Do mesmo modo que a ação extensionista pode fluir entre espaços acadêmicos, das comunidades e espaços neutros. Essa fluidez é também formativa, no sentido que expõe todos ao diálogo com os conhecimentos presentes nos espaços das pessoas envolvidas (academia e comunidade), como também possibilita a construção de outras vivências e saberes fora do espaço de poder epistêmico de todas essas pessoas. Esse é um aspecto desse desafio formativo.

Outro aspecto diz respeito à colaboração em si. O processo de construção em conjunto, desafia a prática extensionista a (i) promover envolvimento das pessoas afetadas com a equipe extensionista; (ii) promover envolvimento das pessoas afetadas entre si; (iii) favorecer a participação equitativa; (iv) dirimir conflitos implícitos e explícitos, inclusive os conflitos epistêmicos; (v) avaliar a prática e construção de conhecimentos; e (vi) promover ou incentivar desdobramentos da ação ou dos conhecimentos em outras ações de extensão, de produção científica ou de ações na comunidade afetada, inclusive de natureza econômica ou educacional, por exemplo.

Em nosso Grupo, esses aspectos têm sido enfrentados de diferentes formas, além das ações formativas internas já citadas. Como exemplo, há a condução de uma disciplina extensionista em Computação, mas que aceita estudantes dos diversos cursos de graduação e pós-graduação da Universidade Federal da Bahia, “Tecnologia a serviço da

cidadania”; ações de formação em comunidade e na Universidade com o Grupo de Apoio à Criança com Câncer e um Centro de Atendimento Psicossocial Álcool e Drogas (CAPS AD); concepção coletiva de audiovisual em espaços escolares, como desdobramento da produção do documentário “Eu [nao] sou da Computação”; design colaborativo de tecnologias por pessoas de diferentes perfis e comunidades, inclusive crianças surdas em espaço escolar e pessoas idosas; mentoria colaborativa de professoras/es; entre outras ações.

4. Considerações finais

Os/As estudantes de graduação colaboram e interagem com os/as estudantes de pós-graduação, enriquecendo-os mutuamente e também entrando em contato com as rotinas e as características da pesquisa científica na pós-graduação, colaborando para despertar o interesse pelo curso de pós-graduação.

No âmbito do Grupo de Pesquisa e Extensão Onda Digital, o enriquecimento de conhecimento pelo/a estudante de graduação ou de pós-graduação ocorre, especialmente, pelo desenvolvimento de novas habilidades, ampliação do repertório teórico-metodológico, desenvolvimento do senso de responsabilidade, de liderança, de autonomia e de trabalho em equipe, além dos conhecimentos técnicos envolvidos.

Nesse sentido, a formação conceitual e prática da extensão pautada no uso de processos extensionistas colaborativos ao mesmo tempo que têm se mostrado útil ao desenvolvimento das pessoas envolvidas e da própria extensão, têm elucidado desafios tanto do ponto de vista da execução da ação extensionista colaborativa, quanto da gestão da extensão e na promoção de outras técnicas e tecnologias para essa prática, seja no âmbito estrito da Computação quanto em outras áreas.

Referências

- Forproex. (2012). *Política Nacional de Extensão Universitária*. Fórum de Pró-Reitores de Extensão das Instituições de Educação Superior Públicas Brasileiras.
- Freire, P. (2021). *Extensão ou Comunicação*. São Paulo: Paz e Terra.
- Matos, E. S.; Zobot, D.; Garrido, F. A.; Santos, J. M O. S. (2023). Towards alterity in interaction codesign. In: *Proceedings of the XXII Brazilian Symposium on Human Factors in Computing Systems*. New York: ACM.
- Nogueira, M. D. P. (org). (2000). Extensão Universitária: diretrizes conceituais e políticas. *Documentos básicos do Fórum Nacional de Pró-Reitores de Extensão das Universidades Públicas Brasileiras 1987 – 2000*. Belo Horizonte: PROEX/UFMG.
- Rosa, V. A.; Meira, D. G.; Matos, E. S. (2023). Um Estudo Remoto de Inclusão Digital de Mulheres Idosas no Codesign de Interação: estratégias e desafios. In: *Anais do XXIX Workshop de Informática na Escola (WIE 2023)*, p. 1137.
- Rosa, V. A.; Matos, E. S. (2020). Strategies to improve engagement of long-lived elderly women (80+) in the interaction co-design process. In: *Proceedings of the 19th Brazilian Symposium on Human Factors in Computing Systems*. v. XIX. p. 1-10. New York: ACM.